



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

Persistência Vermelho-Garança

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

Cap Osvaldo Lima

2023

Persistência Vermelho-Garança

Cap Osvaldo Lima

Era em 1992. O Colégio Militar de Salvador, instituição de ensino do Exército, construção situada em locação privilegiada no nobre bairro da Pituba, inspirou em José a ambição de fazer parte do seu seletto grupo discente.

Adolescente pobre, pardo, em fase de crescimento vagaroso e de uma alegria despreocupada, consciente de que a educação seria o único meio que poderia mudar a sua realidade dura de vida, sempre ouvira falar da excelente qualidade de ensino que o colégio oferecia. Além disso, era encantado com os distintivos e insígnias, com os

uniformes militares ostentados pelos alunos, vermelho-garança, e impecavelmente engomados.

Era um menino que gostava de ler.

- Poxa, como eu gostaria de estudar no CMS! Ele dizia tantas vezes para si mesmo como para os outros.

- Tá sonhando, Zé? A prova pra entrar aí é muito difícil, só filhinho de papai que estuda nas melhores escolas, passa! Viu aquela menina, a Mariana, que ganhou o “Soletrando” do programa do Huck? Ela estuda lá!

A frase proferida por Emerson, o amigo, tentando trazê-lo à realidade, tinha boa intenção, mas doía muito. Além da constatação de que seu sonho estava cada vez mais distante, o fato de não ter uma figura paterna que lhe desse apoio emocional e financeiro na sua formação intelectual, era algo que parecia sepultar de vez qualquer esperança.

José era filho único de D. Sônia, faxineira que, nas horas livres, produzia sequilhos de coco para fornecer aos comerciantes do bairro, aumentando um pouco a renda tão exígua que era quase impossível de ser administrada. Ela costumava dizer, o lenço florido envolvendo a cabeleira volumosa, com as mãos besuntadas de margarina:

- Faça a prova, meu filho, você é inteligente, tenho certeza que você passa!

Carinhoso e obediente, José era o caminho possível, na opinião materna, para um futuro melhor para a família, em uma casa própria com laje, não com aquelas telhas velhas e quebradas, por onde pingavam goteiras insistentes nos dias chuvosos...Era uma casa ruim, a que tinham, cujo aluguel se podia pagar, com o pé-direito tão rebaixado que dava para tocar o teto com as pontas dos dedos.

A verdade é que a persistência era uma das maiores virtudes de José. Inscreveu-se para o concurso com o dinheiro ofertado por seu Valter, comerciante amigo e o maior revendedor de biscoitos do bairro. Homem bom, era comum vê-lo sentado na porta do seu mercadinho de frutas, bermuda de veludo esgarçada, camisa desabotoada e risada espalhafatosa. Apesar de décadas de diferença de idade, tinha por José um carinho extremo. A maturidade precoce do garoto de certa forma os aproximava.

- Obrigado, seu Valter, vou honrar essa sua ajuda com a minha aprovação no exame, pode esperar!

-Tô torcendo por você!

Ao tocar na ficha de inscrição, José teve uma sensação de pertencimento, como se já fizesse parte da escola. O brasão do Exército o encantava. Lia e relia o formulário constantemente, em um estado de êxtase divertido e enlevado como se estivesse às voltas com *As Aventuras de Robinson Crusóé...*

E preparou-se para a prova.

No dia do exame, às sete horas ele já estava em frente ao portão que só abriria às oito horas. Chegar atrasado ao certame não fazia parte nem de seus piores pesadelos. Nada podia dar errado.

Aos poucos apareciam candidatos que faziam amizades entre si, falando sobre sobre questões que poderiam cair. Não se deixou influenciar pelas confabulações que traziam um turbilhão de informações desconstruídas, mantendo-se afastado, pensando: essa conversa vai me atrapalhar, pois já estudei o suficiente!

Oito horas e trinta. Início das provas. Respondeu às questões com convicção e desembaraço. Um ou outro quesito gerou dúvidas, mas nada que o tirasse do foco. Saiu às doze horas com um misto de dever cumprido, firmeza e satisfação. Restava-lhe aguardar o dia do resultado. Vestir o desejado traje era só uma questão de tempo.

Tentava esquecer o futuro dia do resultado, mas a ansiedade o corroía. Pensava como seria o momento da leitura do seu nome na tão temida lista. O que faria logo depois?

-Vou levar minha mãe para almoçar um churrasco no Pedrão e dar um chaveiro do Bahia pro seu Valter, sentenciou.

Passaram-se semanas.

Finalmente, chegou o grande dia. José vira de longe as folhas coladas na parede da entrada do colégio com a relação dos sortudos futuros pupilos. Correu, esbaforido.

Seus olhos, com movimentos rápidos e aflitos, faziam uma procura lancinante aos nomes originados à letra J:

José Antonelli de Castro

José Heitor Sacramento

José Moreira de Andrade

José Carlos Vieira Góes

José Lacerda Ventura

Mas não havia um José dos Santos.

A partir dali a sua persistência teria que, irremediavelmente, se transformar em resiliência...

Passaram-se anos. O menino cresceu, virou homem.

Era em 2018. O Professor Dr. José dos Santos ouviu o sinal que anunciava o fim das aulas vespertinas, que desencadeava a euforia de seus jovens alunos com suas vestimentas vermelho-garança, correndo para a rua.

Lá fora chovia. Depois ele iria visitar D. Sônia, a mãe, bem instalada em uma casa quentinha e aconchegante. As goteiras eram apenas lembranças tristes de um passado distante. Sequilhos de coco recém-saídos do forno, na louça branca, desprendiam um aroma conhecido. Ela ainda cozinhava, mas somente para a família.

- Como está minha mãe? Perguntou José, entrando na casa materna, sorridente. Ela respondeu com um sorriso leve, manso e orgulhoso ao receber seu filho, um dos mais queridos e respeitados docentes daquela mesma instituição que um dia parecia haver tolhido para sempre os seus sonhos mais caros da meninice...